

# O MODO DE VIDA NA COMUNIDADE SANTA LUZIA, MUNICÍPIO DE MANACAPURU-AM: A IDENTIDADE COM O LUGAR NAS RELAÇÕES DE PRODUÇÃO EM TERRA-FIRME.

População, gênero e identidade.

Marcelo Guimarães Martins (UEA).  
pmmarc@hotmail.com

MSc. Jônatas de Araújo Matos (IFAM-CMZL).  
jmatos.araujo@gmail.com

## RESUMO.

Este trabalho surgiu do interesse em conhecer o cotidiano dos moradores das comunidades rurais da Amazônia, em específico as de terra firme. Portanto, buscou-se interpretar e vivenciar um pouco mais o modo de vida e de produção dessas pessoas tendo como objetivos compreender como ocorrem as relações de trabalho e a organização produtiva na comunidade e identificar os aspectos socioeconômicos e culturais dos moradores da comunidade. A pesquisa foi realizada a partir de observações direta com visitas *in loco*, sendo de natureza exploratória e dialogada, dessa forma ouvimos os moradores da comunidade. Também foi descritiva, onde a descrição foi feita a partir das narrativas dos moradores do lugar, tendo como abordagem metodológica a fenomenologia, a qual prioriza as experiências vividas. A pesquisa também foi realizada a partir de levantamento bibliográfico e leitura de fontes históricas. Na Amazônia existem milhares de pessoas vivendo em comunidades rurais, que são lugares constituídos de pequenos grupos, pessoas que apresentam uma base constituída na família, como relações de parentesco e vizinhança, valores que os caracterizam e que também são transferidos para as relações de trabalho. Nas comunidades rurais da Amazônia, o camponês leva uma vida simples, suas atividades produtivas estão geralmente concentradas na agricultura sem deixar de levar em consideração outras atividades existentes como a caça, a pesca, criação de animais e outros. As atividades acontecem sempre baseadas na agricultura familiar, no companheirismo, no regime de ajuda mútua, ou mutirões como é conhecido em alguns lugares, são heranças oriundas de gerações passadas e que os caracterizam tanto nas formas de trabalho como no seu dia a dia, esses valores estão relacionados ao seu modo de vida, e no processo de sua identidade e com o lugar vivido, onde foi criada uma relação com a natureza e o amor pela terra, uma relação de sentimento pelo lugar.

**Palavras-chave:** Modo de vida; Organização produtiva; Comunidades rurais; Agricultura familiar.

## 1. INTRODUÇÃO.

Este trabalho surgiu do interesse em conhecer um pouco do cotidiano dos moradores das comunidades rurais da Amazônia, tentar interpretar e vivenciar um pouco mais o modo de vida e de produção dessas pessoas. Existem na Amazônia milhares de pessoas vivendo em comunidades rurais, que são lugares constituídos de pequenos grupos, pessoas que têm uma base constituída na família, como relações de parentesco e vizinhança, valores que os caracterizam e que também são transferidos para as relações de trabalho.

Nas comunidades rurais da Amazônia, o camponês leva uma vida simples, suas atividades produtivas estão geralmente concentradas na agricultura sem deixar de levar em consideração outras atividades existentes como a caça, a pesca, criação de animais e outros. Mas esses lugares não são apenas constituídos através das atividades produtivas, sua construção deve levar em consideração, a relação que o homem tem com o lugar onde habita, o seu mundo vivido, o qual estabelece relações com a natureza e a terra e com os sujeitos o qual se convive.

Este trabalho vem mostrar acerca da produção familiar o processo de campesinato o qual tem predominância nas relações de trabalho familiar. Através da abordagem fenomenológica, buscou-se compreender a relação do morador com o ambiente em que vive a partir dos seus relatos, de suas experiências no lugar. As relações de trabalho no meio rural estão sujeitos a interferência, principalmente com a inserção do capitalismo, à medida que ele tenta se inserir no meio rural, o que já é uma realidade em diversas regiões, e que inevitavelmente irá interferir no cotidiano nas pessoas.

A dificuldade na terra firme é fato, assim como no meio rural que é pouco assistido por políticas públicas, é acima de tudo desafiador produzir em solos pouco férteis, e ter que adequar técnica para reduzir a penosidade do trabalho. São desafios que não fogem à regra da história do camponês, que se adequa aos processos de mudanças em busca de sua sobrevivência. Justifica-se a pesquisa no sentido de que propõe analisar a inserção do capital no meio rural, se esse modifica ou não as relações de trabalho existente na comunidade.

A pesquisa tem como objetivo caracterizar a produção familiar e as relações de trabalho no cotidiano dos moradores da comunidade, para isso buscou-se compreender especificamente como ocorrem as relações de trabalho, e a organização produtiva da comunidade, se essa possui referências camponesas e se os valores familiares estão presentes nas relações de trabalho, e descrever a relação campo cidade e a influência que essa exerce na comunidade. Para tanto, realizou-se uma pesquisa de natureza exploratória e dialogada, dessa forma ouvimos os moradores que através de seus relatos nos descreveram sua história de vida, também foi descritiva onde a descrição foi a partir do seu mundo, o cotidiano dos moradores produtores da comunidade Santa Luzia, além das entrevistas foram realizadas várias visitas a comunidade, mais precisamente nas unidades produtivas para acompanhar os trabalhos dos moradores camponeses, tendo como abordagem metodológica a fenomenologia, a qual prioriza as experiências vividas.

As atividades produtivas na comunidade acontecem sempre baseadas na agricultura familiar, no companheirismo, no regime de ajuda mútua, ou mutirões como é conhecido em alguns lugares, são heranças oriundas de gerações passadas e que os caracterizam tanto nas formas de trabalho como no seu dia a dia, esses valores estão relacionados ao seu modo de vida, e no processo de sua identidade e com o lugar vivido, onde foi criada uma relação com a natureza e o amor pela terra, uma relação de sentimento pelo lugar.

Este trabalho resulta das reflexões realizadas no trabalho monográfico de conclusão de curso, onde primeiro abordou-se as bases teóricas, uma contextualização do referencial teórico o qual nos deu sustentação ao trabalho fazendo referência as questões e o conceito de camponês e a organização do campesinato, destacando autores que trabalham as relações com a natureza e de políticas públicas e suas contradições que dão ênfase a exclusão do pequeno produtor, e estudos que trabalham o termo de comunidades rural. Utilizou-se também como base teórica a Geografia Cultural/Humanista que nos dá uma melhor compreensão da relação do homem com o lugar.

## **2. METODOLOGIA.**

Para alcançar os objetivos dessa pesquisa, primeiro realizou-se o procedimento técnico e levantamento bibliográfico para fundamentar a pesquisa acerca dos objetivos traçados. Buscou-se levantamento bibliográfico que desse ênfase as questões do campesinato e estudos referente a Geografia Cultural, além de leituras que discorressem sobre o lugar como mundo vivido. Segundo Gil (2008) a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com materiais elaborados, fornecendo instrumentos para pesquisa através de artigos científicos e livros.

Em seguida a pesquisa foi realizada a partir de observações direta com visitas *in loco*, sendo de natureza exploratória e dialogada (participativa). Dessa forma ouvimos os moradores da comunidade Santa Luzia, isso só foi possível a partir da aplicação de entrevistas com roteiro dirigido com perguntas abertas, no qual nos relataram os fatos vivenciados por eles no seu cotidiano. Em campo entrevistamos os moradores da área em estudo, tendo sido 12 famílias entrevistadas. Também foi descritiva, onde a descrição foi feita a partir da narrativa dos moradores do lugar, tendo como abordagem metodológica a fenomenologia.

Para realização da pesquisa foram utilizados vários instrumentos como câmera fotográfica, gravador de áudio, caderneta de anotações, GPS e outros. Após o trabalho de campo, buscou-se organizar os dados coletados, o que gerou o trabalho monográfico, o qual foi organizado em três capítulos, onde buscou-se também alcançar os objetivos aqui mencionados, e neste trabalho apresenta-se algumas reflexões que constam no estudo monográfico. Buscou-se através dessa narrativa compreender o cotidiano desses moradores, bem como a sua organização produtiva, a pesquisa também tinha como objetivo, caracterizar a agricultura familiar e as relações de trabalho, na comunidade, e saber se a mesma possuía traços da agricultura camponesa.

O meio de investigação escolhido foi a pesquisa de campo, pois, segundo Moresi (2003, p.9) a “pesquisa de campo é investigação empírica realizada no local onde ocorre ou ocorreu um fenômeno ou que dispõe de elementos para explicá-lo”. Procurou-se aprofundar a realidade pesquisada através da observação direta, e das entrevistas para uma melhor explicação e interpretação do que ocorre na área em estudo.

Em campo além das entrevistas com os moradores também foram feitas várias visitas à comunidade, onde acompanhamos a realização das suas atividades agrícolas a partir do mês de maio de 2014, e que foi essencial no desenvolvimento do trabalho de campo, experienciar na realidade a vida desses moradores como ela é, só assim, através dessa observação, para se ter melhor compreensão sobre o seu cotidiano.

## **3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.**

### **3.1 O LUGAR AMAZÔNICO E AS RELAÇÕES COM O HUMANO.**

O Lugar no estudo da geografia é um conceito de fundamental importância para a disciplina, no entanto, esse só ganhou importância a partir da década de 1980. Desde a implantação da geografia como disciplina acadêmica, o lugar sempre foi estudado de maneira secundária, o lugar na geografia tinha mais importância no sentido locacional, onde ficou como conceito durante muito tempo. Segundo Holzer (1999, p.68) “Sauer talvez tenha sido o primeiro a desvincular o “lugar” deste sentido estritamente locacional. Isto porque ele via a disciplina geográfica como algo que estava “além da ciência”, ou seja, que não devia necessariamente trilhar os caminhos preconizados pelos positivistas”.

Ainda Sauer (1983) apud Holzer (1999, p.68) menciona que “os fatos da Geografia são fatos do lugar; sua associação origina o conceito de paisagem”. As relações existentes e vividas dos homens no seu mundo vivido, ou seja, no lugar, são importantes, pois, através dessas relações, que se criam laços e identidades. Dardel é outro autor que vai propor um estudo fenomenológico, associando a geografia vivida em ato, a partir da exploração do mundo e à ligação do homem com sua terra natal, “a relação do homem com a Terra [...] como modo de sua existência e de seu destino” Dardel (1990) apud Holzer (1999, p. 68). Dardel aborda a relação que o homem tem com a natureza, sendo essa uma relação existencial. Vários autores farão essa relação do homem com a

terra, destacando-se na linha do pensamento existencialista e fenomenológico e que encontraram na subjetividade humana as interpretações para as atitudes frente ao mundo. Destaca-se entre diversos autores dessa discussão fenomenológica Yi Fu Tuan que menciona o lugar como algo maior que o sentido geográfico de localização, indo além desse aspecto sendo produto da existência humana com os lugares.

Segundo Tuan (1979) apud Holzer (1999, p.70):

Todos os lugares são pequenos mundos: o sentido do mundo, no entanto, pode ser encontrado explicitamente na arte mais do que na rede intangível das relações humanas. Lugares podem ser símbolos públicos ou campos de preocupação (fields of care), mas o poder dos símbolos para criar lugares depende, em última análise, das emoções humanas que vibram nos campos de preocupação. (TUAN, 1979 apud HOLZER, 1999, p.70).

Relph (2012, p.19) menciona que “lugar é o fenômeno da experiência”, ou seja, o lugar está relacionado às ações práticas do dia a dia, vivenciado por quem o habita, pelas pessoas que o experienciam. Esse mundo vivido como de acordo com Tuan e diversos autores da fenomenologia caracteriza o lugar onde o homem criou sua identidade, suas experiências vividas, o lugar é o seu mundo. Assim de acordo com Nogueira (2001) “a percepção de mundo, não é apenas o meu mundo, é também o mundo que vejo, mundo percebido, das outras pessoas que nele vive, é a partir das suas experiências é que ele vai se constituir”.

A geografia trouxe de volta à importância a abordagem do lugar como categoria, como mundo vivido, não mais como apenas sentido de localização. Lugar e mundo, mundo e lugar está ligado pela forma como o percebemos, é o que dá sentido à sua vida, as experiências que possuem, onde criam identidade, amor, felicidade, tristeza, sentimento e outros.

Tuan (2012, p.135) ressalta que:

Lugar é interpretado como palco da existência humana, experiência imediata do homem, lugar de vida e de representações que lhe dão sentido e identidade, sendo, portanto possível de ser percebida através também da subjetividade, sentimentos, emoções e valores, resultado da relação homem X ambiente que o indivíduo percebe com o corpo ou sentidos: olfato, visão, tato entre outras coisas. (TUAN, 2012, p.135).

A identidade, o sentimento que se cria de lugar, o apego às pessoas são oriundos da vivência dos homens no seu mundo vivido. Portanto as experiências de vivência dos moradores da comunidade Santa Luzia, lhes deram a percepção necessária para sua sobrevivência no ambiente em que vivem, as relações existentes e que foram criadas, constituíram os sentimentos, cultura, amor, emoção até mesmo as tristezas vividas por esses atores locais, e que fazem desse lugar o seu mundo.

### **3.2 CAMPESINATO.**

A organização do trabalho familiar no campo tem sua existência, desde as antigas civilizações. O modo de vida do camponês utiliza os meios de produção para o seu autoconsumo e comercialização, ao mesmo tempo em que essas características apresentadas os definem como uma resistência ao modelo capitalista. Em leitura, vários são os autores que conceituam o campesinato, e um deles Marques (2004, p.145) o define como:

(...) um conjunto de práticas e valores que remetem a uma ordem moral que tem como valores nucleantes a família, o trabalho e a terra. Trata-se de um modo de vida tradicional, constituído a partir de relações pessoais e imediatas, estruturadas em torno da família e de vínculos de solidariedade, informados pela linguagem de parentesco, tendo como unidade social básica a comunidade. (MARQUES, 2004, p.145).

Para Shanin (1979, p.228) “o campesinato é, ao mesmo tempo, uma classe social e um “mundo diferente”, que apresenta padrões de relações sociais distintos - ou seja, o que também podemos denominar de modo de vida”. Para Shanin o campesinato é um modo de vida e mesmo que esse camponês se distancie da terra, seus hábitos e costumes nunca o abandonam. Esse, nos momentos de crise se insere no capitalismo para se reerguer.

Para a explicação de classe assim como Marques, em sua obra atualidade do uso do conceito de camponês, me remeto a Thompson (1987, p.10) que afirma em seus ensinamentos:

A classe acontece quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas), sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si, e contra outros homens cujos interesses diferem (e geralmente se opõem) dos seus. A experiência de classe é determinada, em grande medida, pelas relações de produção em que os homens nasceram – ou entraram involuntariamente. A consciência de classe é a forma como essas experiências são tratadas em termos culturais: encarnadas em tradições, sistemas de valores, ideias e formas institucionais. (THOMPSON, 1987, p.10).

O modo de vida camponês apresenta uma relação de subordinação e estranhamento com a sociedade capitalista. Caracteriza-se como uma organização social que ora serve ao capitalismo e ora lhes é contraditório. Com a inserção do camponês ao capital, há autores que vão dizer que o termo camponês, se subordinado ao capital esse deixa de ser camponês, e ainda creem que ele se desintegrará pois o mesmo estará fadado, e se transformará em agricultor familiar ou desaparecerá.

Na concepção de Chayanov:

O campesinato não é simplesmente uma forma ocasional, transitória, fadada ao desaparecimento, mas, ao contrário, mais que um setor social, trata-se de um sistema econômico sobre cuja existência é possível encontrar as leis da reprodução e do desenvolvimento. (CHAYANOV, 1925/1986 apud ABRAMOVAY, 1992, p.59).

São várias as definições usadas para descrever o camponês, a exemplo de Moura (1986), que define o camponês como: “um cultivador de pequena propriedade, onde ele produz e controla a terra com a ajuda de sua família e que produz para sobreviver, mas que seus excedentes são extraídos de si por uma força maior, seja política e econômica, e que vão garantir a existência de outros grupos não produtores”.

Nas palavras de Marques (2008, p.60) o campesinato se refere:

A uma diversidade de formas sociais baseadas na relação de trabalho familiar e formas distintas de acesso à terra como o posseiro, o parceiro, o foreiro, o arrendatário, o pequeno proprietário etc. A centralidade do papel da família na organização da produção e na constituição de seu modo de vida, juntamente com o trabalho na terra, constituem os elementos comuns a todas essas formas sociais. (MARQUES, 2008, p.60).

As discussões diretamente ligadas ao conceito do campesinato, ideologias que se remetem a esse modo de vida, mas que é contraditoriamente resultado das relações capitalistas. Em meio a essa discussão o novo conceito que surge, na tentativa de criar um novo modelo de agricultura diante do avanço do capitalismo do meio rural. Autores vão defender a ideia de que ao possuir fortes ligações com o mercado, o camponês deixa de existir e passa a ser um agricultor familiar.

Se relacionar ao mercado foi a maneira que camponês encontrou de resistir as adversidades impostas pelo capitalismo se recriando e se relacionando com esse sistema econômico. Chayanov (1986) *apud* Abramovay (1992, p.59) menciona que “diferentemente do trabalhador assalariado, o camponês é um (...) sujeito criando sua própria existência”.

O modo de vida camponês não é caracterizado como uma cultura que visa o lucro visa também sua subsistência. São indivíduos resistentes ao tempo, e que buscam manter sua ética histórica de valorização da terra, enfrentando seus problemas, se reinventando a cada dificuldade encontrada, adequando sua vida de diversas formas, para garantir sua sobrevivência e a da sua família melhores condições de vida. Terra, trabalho e família são características principais do camponês, sua prioridade é o bem estar de sua família. Esse ser é um homem histórico, que com o tempo incorporou situações de vida, experiências que foram agregadas, elementos que caracterizam o vínculo de amor com a própria terra, assim expõe Paulino; Almeida (2010, p. 40) que:

Portanto, a terra camponesa não é apenas terra de trabalho, ela é também morada da vida, lugar dos animais de estimação, do pomar, da horta e do jardim, é a terra da fartura, onde o grupo familiar se reproduz por meio do autoconsumo. (ALMEIDA, 2010, p. 40).

Baseado nas características camponesas com os moradores agricultores da comunidade Santa Luzia que produzem em suas unidades de produção, se baseando no trabalho familiar para que suas atividades agrícolas se desenvolvam, utilizando-se de técnicas que o ajudam em sua produção, e que esse morador assim como o camponês se insere no mercado para dar um melhor sustento a sua família.

#### **4. RESULTADOS E DISCUSSÕES.**

A formação da comunidade Santa Luzia surgiu a partir do processo de apropriação das margens da rodovia estadual AM-070 por pessoas vindas de diversos lugares do Brasil e que fizeram parte tanto do período áureo da borracha, como do processo de ocupação da Amazônia.

Santa Luzia fica localizada no quilômetro 52 da rodovia AM-070 Manaus/Manacapuru a 30 quilômetros da sede do município de Manacapuru que pertence à mesorregião do centro Amazonense e microrregião de Manaus distante cerca de 80 quilômetros da capital e possui uma população estimada em 86.985 habitantes (IBGE, 2012), dos quais 24.966 moram na zona rural. O nome foi dado em homenagem à devoção a Santa Luzia por parte da família do senhor Osvaldo Rodrigues, pessoa fundamental na formação da comunidade, e que começou a se constituir a partir da construção da estrada na segunda metade do século XX, período que corresponde à ditadura militar e quando foi colocado em prática, os projetos de integração, ocupação e desenvolvimento da Amazônia.

Segundo Lins (1965) a estrada foi projetada para escoar a produção de juta do município de Manacapuru que era referência na produção, sendo aberta, e iniciada em 1959 e inaugurada em 31 de dezembro de 1965. Portanto as diversas políticas públicas de ocupação da Amazônia refletiram no aumento do número de habitantes da região e a construção da AM-070 influenciou na formação de pequenos aglomerados a margem da estrada que ligaria Manacapuru a Manaus e que conseqüentemente se constituiria na comunidade Santa Luzia.

##### **4.1. OS MORADORES DA COMUNIDADE E AS FORMAS DE PRODUÇÃO.**

A vida dos moradores da comunidade Santa Luzia foi construída sempre em busca de um lugar, de um espaço, em geral carregam consigo o espírito comunitário, pessoas com princípios baseado no respeito e na inter-relação com o próprio ser humano e com a natureza. Embora vindos de lugares diferentes com especificidades próprias, trazem da geração anterior as heranças camponesas, o que os assemelham em vários aspectos, o estilo de vida, ou seja, suas formas de viver são bastante comuns, como se levassem uma vida partilhada entre eles.

De acordo com Shanin (1980, p.75) “o campesinato é um processo e necessariamente parte de uma história social mais ampla; trata-se da questão da extensão da especificidade dos padrões de seu desenvolvimento, das épocas significativas e das rupturas estratégicas que dizem respeito aos camponeses”. Em sua maioria são descendentes de gerações de nordestinos, vindos de diversos estados brasileiros, Maranhão, Ceará, Pernambuco e outros, e que encontraram na Amazônia o

lugar de refúgio, dinâmico e acolhedor. Essa formação diversificada de valores e culturas formam a população Amazônica e está expressa nas palavras de Benchimol (2009, p.13):

O conhecer, o saber, o viver e o fazer na Amazônia Equatorial e Tropical inicialmente foi um processo predominantemente indígena. A esses valores e culturas foram sendo incorporados, por vi de adaptação, assimilação, competição e difusão, novas instituições, instrumentos, técnicas, incentivos e motivações transplantadas pelos seus colonizadores e povoadores. (BENCHIMOL, 2009, p.13).

São misturas, encontro de cultura e de valores, que com o passar do tempo se adaptaram ao lugar, ao convívio com natureza, e que constituem hoje a comunidade, resistindo às dificuldades, e enfrentando as transformações por que passa o lugar. Os moradores de Santa Luzia possuem em seu cotidiano fatores que caracterizam a cultura camponesa: economia de caráter autônomo baseado no sistema de trabalho familiar, são traços existentes e semelhantes em todo lugar, quando se refere ao campesinato como modo de vida, ou seja, são aspectos culturas da comunidade que fazem parte do campesinato como modo de vida. Shanin (1980) “a cultura e a sociedade camponesa possuem semelhanças em qualquer lugar do mundo”. Esses fatores que caracterizam o modo de vida camponês baseado na terra e no trabalho familiar, a reciprocidade e a ajuda mútua, reproduzem o viver em comunidade e é percebido nos moradores da Santa Luzia.

Outro fator interessante é a forte influência do catolicismo na comunidade onde as maiorias dos comunitários são católicos, cerca de 90% dos moradores, demonstrando assim a força da igreja católica como a própria história nos revela a sua influência na formação das comunidades Amazônicas, vale ressaltar que na comunidade existe sim outras religiões, mas com menos expressão. Para Fraxe (2011) a igreja católica fez parte do desenvolvimento e formação das comunidades Amazônicas, foi importante no desenvolvimento das mesmas, na sua organização política, cultural e social. Os moradores sempre se reúnem uma vez por semana, em devoção a Deus e a Santa padroeira que deu origem ao nome da comunidade. Essa celebração sempre acontece aos domingos, e é realizada na sede social da comunidade, pois ainda hoje não conseguiram concretizar o sonho da nova igreja. Também comemoram uma festa religiosa que acontecem anualmente, no mês de dezembro e que é em homenagem a Santa Luzia padroeira da comunidade.

Na comunidade Santa Luzia a agricultura é baseada no trabalho familiar, tendo como metas a melhoria da família, e do seu bem estar. Durante muito tempo a comunidade praticou sua agricultura diretamente no roçado, com algumas culturas dividindo o espaço de forma organizada, produzia-se banana, algumas hortaliças, mandioca para a fabricação da farinha, cultivava-se tanto para o consumo como para o comércio, mas sempre de forma moderada.

Os roçados são áreas preparadas para o cultivo da agricultura, de acordo também com o tipo de cultura e de floresta sempre há uma preparação específica. O roçado é fruto do trabalho coletivo da família e da ajuda mútua entre vizinhos e passa pelo processo de roçagem da área escolhida por isso essa denominação. Garcia Jr. (1983, p.111) ressalta que: “é no roçado que a família se materializa enquanto unidade de produção. É através dele que a família obtém os meios necessários para se reproduzir”.

Com o passar do tempo os moradores da comunidade empregaram técnicas que facilitassem e melhorassem sua produção, adotando assim o uso da plasticultura (estufa) e irrigação para manter uma boa produtividade. Com a implantação da plasticultura, os moradores também, passaram a dar prioridade no plantio, onde o cultivo de hortaliças e do Pimentão que passou a ser produzido de forma anual já que a plasticultura permite produzir o ano todo até mesmo no período chuvoso, e que proporcionou o aumento e a melhoria na renda familiar desses produtores.

Nesse sentido Abramovay (1992) afirma que o que determina o comportamento do camponês é a necessidade coletiva da família, e não o interesse individual de cada membro. Foi nesse sentido que os moradores produtores de Santa Luzia optaram pelo uso da plasticultura. O cultivo das hortaliças e do pimentão se transformou numa nova fase par a agricultura da comunidade.

## 4.2. A DIVISÃO DO TRABALHO NA COMUNIDADE.

As famílias da comunidade trabalham no sistema familiar que caracteriza o vínculo do camponês com a terra, os integrantes da família camponesa são sempre ligados a várias atividades e tarefas produtivas visando sua sobrevivência e a estruturação de sua família. A atividade de cultivo das hortaliças e do Pimentão é desenvolvida tanto pelos homens como pelas mulheres, assim como na colheita que recebe a ajuda também dos filhos formando uma divisão técnica do trabalho onde homens, mulheres e crianças se dedicam ao trabalho na sua unidade de produção. Segundo Santos (1978, p. 33-34):

Cada pessoa da família camponesa desempenha um trabalho útil e concreto, segundo o momento e a necessidade. Desse modo estrutura-se no interior da família uma divisão técnica do trabalho, articulada pelo processo de cooperação, resultando numa jornada de trabalho combinada dos vários membros da família. Nesse sentido a família camponesa se transforma num trabalhador coletivo. (SANTOS, 1978, p.33-34).

Como os moradores plantam no sistema de plasticultura, os homens se dedicam ao trabalho mais pesado que é a construção das casas de vegetação. Nessa fase o homem vai à busca da madeira, material que vai ser usado na estrutura da plasticultura, os filhos mais velhos já adolescentes geralmente são integrados ao trabalho mais pesado ajudando os pais no manuseio do motosserra ou carregando e deslocando a madeira. Entre os homens é muito comum o jovem já muito mais cedo integrar-se ao trabalho familiar, pois desde criança já acompanha os pais em algumas pescarias, passando a exercer essa função já adolescente, sendo o braço direito do pai em quase todas as atividades principalmente nas atividades agrícolas. Oliveira (1991) afirma que “é na divisão do trabalho da unidade produtiva que o jovem camponês ao desempenhar suas tarefas se torna assim um membro da divisão familiar do trabalho”.

A figura (1) a seguir, feita em campo mostra a realização da colheita de hortaliças feita pelos moradores da comunidade. Na foto observa-se apenas mulheres no cultivo, o que nos fez perceber o quanto é importante a figura da mulher na divisão do trabalho, não só na colheita mas em diversos setores, pois, além da ajuda na atividade produtiva ela também tem que cuidar da casa e dos filhos.



Figura 1. **Mulheres na colheita.**

Autor: Martins, M. G. Trabalho de campo (2014).

A divisão do trabalho familiar camponês é importante, pois é a partir daí que as suas atividades principalmente agrícolas se desenvolvem, é do trabalho camponês que abastece e alimenta a família. Dessa forma é perceptível que a presença da força de trabalho familiar é de grande importância e fundamental no desenvolvimento das atividades camponesas, é a partir da hegemonia que esse trabalho exerce na unidade de produção, que o resultado de toda essa relação aparece.



### **4.3. ORGANIZAÇÃO PRODUTIVA DA COMUNIDADE.**

A Comunidade de Santa Luzia possui uma associação de produtores a qual foi formalizada para fins de aquisição de máquinas e equipamentos para ajudar nas atividades produtivas, e na expectativa de um contrato comercial diretamente com os programas de governo e que é aguardado com muito entusiasmo pelos moradores produtores. Organizar-se em associação tem sido uma forma que as comunidades camponesas encontraram de organização produtiva para se fortalecer diante do sistema capitalista, no entanto a própria falta de apoio de políticas públicas responsável pelo desenvolvimento da agricultura e de apoio às comunidades camponesas, causa desânimo e tem desestimulado essa organização.

#### **4.3.1. A feira do produtor de Manacapuru como ponto estratégico.**

A feira do produtor é de suma importância e estratégica para a economia dos moradores produtores de Santa Luzia, é aqui que fica cerca de 70% de sua produção, e possibilita o agricultor aumentar a comercialização de seus produtos e de vendê-los diretamente para o consumidor e feirantes do município, e segundo Moura (1986) “a venda de boa parte da produção camponesa para as feiras da cidade é exemplo de circulação e que a renda da venda dessa produção dá a ele a possibilidade de comprar o que necessita”.

Após a venda dos produtos na feira, o dinheiro que se obtém através da venda de seus produtos vai ser utilizado na compra de outras mercadorias que em geral não são produzidas, mas são essenciais para sua subsistência, vale ressaltar aqui a circulação por que passa o dinheiro o qual foi fruto da venda de sua mercadoria. Na verdade trata-se de uma lógica simples da circulação de mercadorias da produção camponesa, onde se tem uma conversão de mercadorias em dinheiro e a conversão do dinheiro em mercadoria, essa relação é o movimento simples de mercadoria expresso na fórmula M-D-M que Marx (1984) apud Oliveira (1991, p.54) referindo-se à circulação simples de mercadoria afirma que: “a circulação simples de mercadoria, vender para comprar serve de meio para um fim último situado à margem da circulação: a apropriação do valor de uso a satisfação de necessidades”.

É através desse processo, dessa relação contraditória do capitalismo com o campesinato que ocorre o sustento da comunidade camponesa, pois esse camponês necessita inserir sua produção no mercado para constituir renda, para manter, suprir as suas necessidades e de sua família. Como afirma Vêrges (2011) “o camponês vende para poder comprar e é a partir dessa dinâmica que ele se insere ao mercado”.

### **4.4. A RELAÇÃO CAMPO E CIDADE.**

Cada comunidade amazônica tem seu modo de vida próprio, com suas singularidades como também com aspectos parecidos, são características e valores, que com o passar do tempo vão sendo incorporadas novas concepções a esse modo de vida, e que se renovam constantemente. Estratégias e adaptações que para os camponeses foram decisivas para a sua resistência frente às situações políticas e econômicas a qual foram submetidos na Amazônia, esses renovaram suas atitudes e se adaptam às condições adversas que encontraram.

A relação campo e cidade também podem trazer aspectos de mudanças para as comunidades as quais tem essa proximidade com o meio urbano. A forma como essas mudanças acontecem, sejam elas sociais ou culturais está relacionada às relações existentes entre esses lugares. A relação entre a comunidade Santa Luzia e a cidade de Manacapuru, não se limita apenas à troca de mercadorias no sentido de produtos utilizados apenas na subsistência do camponês, a ligação vai além dessa simples relação. Esse ir e vir do morador da Comunidade Santa Luzia, à feira para venda de seus produtos e compra de mercadorias, vivencia o dia a dia da cidade, cria hábitos e costumes que os moradores da cidade possuem, inserindo em seu modo de vida, aspectos e hábitos da vida urbana.

Nas casas dos moradores são visíveis as transformações material e imaterial ocorridas na comunidade através desse contato diário com a cidade campo é notório esse processo complementar de cultura pelo qual esse morador recebeu influência, a modernidade, hábitos específicos da cidade já inserida a sua realidade ressaltando aqui, que a comunidade conserva suas tradições, seu modo de vida, mas esse já se adequa a situações de mudanças referentes a influência recebida da cidade. Fraxe, Witikoski, Pereira (2007, p.19) expõem que “a relação com a cidade, também se configura como um importante fator na formação da comunidade. A apropriação dos novos elementos característicos da vida citadina marca também a oposição entre o ontem/hoje”. A figura 2 vem evidenciar essa relação da cidade com o campo, nas casas são visíveis equipamentos oriundos da vida citadina.



Figura 2: **Casa da comunidade com aspectos da vida urbana.**

Fonte: Martins, M. G. Trabalho de campo/2014.

Os jovens adolescentes desde muito cedo, por consequência do estudo, esses fazem parte de uma troca cultural muito mais intensa, esses jovens precisam fazer o deslocamento da comunidade até a cidade para complementar os estudos, já que a comunidade não disponibiliza de escolas a partir do nível fundamental. Na comunidade Santa Luzia é muito forte a relação campo e cidade, onde a presença da cultura urbana está muito mais presente nos jovens, mas perceptível nos adultos. É perceptível nos jovens o apego aos hábitos da cidade, muitos desses frequentam as festas noturnas do fim de semana na cidade, roupas da moda, celulares de última geração.

A figura (3) abaixo mostra os jovens estudantes da comunidade que frequentam a cidade para ir à escola, nesses estão presentes os hábitos citadinos, na espera do ônibus para o retorno a comunidade, se reúnem e o uso do celular é frequente. O mais interessante é ver que isso não os tira as suas características típicas do camponês, do morador comunitário, do amor pela terra, do apego ao lugar onde ele cria raízes.



Figura 3: **Estudantes da comunidade.**

Fonte: Martins, M. G. Trabalho de campo (2014).

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

A partir do processo de migração de pessoas vindas de diversos lugares do Brasil, cito período da borracha, a o processo de ocupação da Amazônia, que os expandiu por toda região, foi essencial para a formação dos aglomerados na Amazônia e consequentemente do trabalho familiar e a formação do campesinato.

A abertura e pavimentação da AM-070 foram fundamentais para a formação da comunidade em estudo. Santa Luzia teve sua formação diretamente relacionada a este processo de abertura e pavimentação da estrada, a partir daí várias foram às transformações pela qual passou a comunidade na tentativa de consolidá-la. Vale ressaltar aqui o empenho de pessoas fundamentais nesse processo, seu vínculo de amor pela terra, permaneceram firmes frente às adversidades.

A organização produtiva da comunidade sempre foi baseada na agricultura e o cultivo é todo desenvolvido em terra firme onde está localizada a comunidade, plantava-se banana, algumas hortaliças e mandioca para a produção de farinha. As atividades agrícolas nas unidades de produção são desenvolvidas pela família que é fundamental no desenvolvimento da produção da comunidade. Com a implantação da plasticultura e irrigação, o cultivo das hortaliças e do pimentão passou a ser o principal produto cultivado e direcionado ao mercado e para sua subsistência.

As feiras são os principais destinos da produção da comunidade, sendo a feira do produtor de grande importância na contribuição da renda dos produtores, através dela a maioria da produção é comercializada. A inserção do capital no meio rural não modificou as relações de trabalho na Comunidade Santa Luzia, pois, esta tem a sua produção desenvolvida a partir das atividades familiares na sua divisão do trabalho.

A cidade tem uma forte influência na vida dos moradores de Santa Luzia, não apenas na troca de mercadorias, é fundamental na vida do jovem morador. Os hábitos urbanos também estão muito presentes na vida desses moradores na construção das casas, no apego a objetos e costumes da cidade. Apesar das adversidades, onde vivem e o que foi necessário desenvolver mecanismos essenciais na melhoria da produção agrícola, bem como na melhoria de vida, destacamos aqui essa relação afetiva e simbólica que esses moradores têm com o lugar, a importância dele nas suas vidas, como lugar de conquista, onde construíram uma identidade e que se constitui para esses moradores como um pequeno mundo.

## 6. REFERENCIAS.

ABRAMOVAY, Ricardo. **Paradigmas do capitalismo Agrário em questão**. São Paulo-Rio de Janeiro-Campinas: HUCITEC, AMPOCS, Ed. da UNICAMP, 1992.

FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto; WITKOSKI, Antônio Carlos; PEREIRA, Henrique dos Santos. **Comunidades ribeirinhas amazônicas: memória, ethos e identidade**. Manaus: EDUA, 2007.

GARCIA Júnior, Afrânio Raul. **Terra de trabalho**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. Coleção estudos sobre o Nordeste; v.8. 1983.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HOLZER, Werther. **O lugar na Geografia Humanista**. In: Revista Território. Rio de Janeiro. Ano IV, nº 7. p. 67-78. jul./dez. 1999.

LINS, José dos Santos. **Estrada Manacapuru-Cacau Pirêra (AM-03)** Manaus, 1965.

MARQUES, Marta Inez Medeiros. **A atualidade do uso do conceito de camponês**. Revista Nera. São Paulo, v. 11, n. 12, p.57-67, 2008.

MORESI, Eduardo. **Metodologia da Pesquisa**. Brasília – DF. Março 2003.

MOURA, Maria Margarida. **Camponeses**. São Paulo: Ed. ATICA, 1986.

NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. **Percepção e representação gráfica**: a “Geograficidade” nos mapas mentais dos comandantes de embarcações no Amazonas. Tese de doutorado. USP, São Paulo, 2001.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. **Agricultura Camponesa no Brasil**. São Paulo, editora Contexto, 1991.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. **Modo capitalista de produção, agricultura e reforma agrária**. 1ª. ed. São Paulo: FFLCU/LABUR EDIÇÕES, 2007. V. 1. 184 p.

PAULINO, Eliane Tomiase; ALMEIDA, Rosemeire Aparecida de. **Terra e território**: a questão camponesa no capitalismo. 1ª. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

RELPH, Edward C. **Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência do lugar**. In: **Qual o espaço do lugar?** Organização de Eduardo Marandola Jr. Werther Holzer. Livia de Oliveira. São Paulo: Perspectiva, 2012.

SANTOS, José Vicente. Tavares dos. **Colonos do vinho**: estudo sobre a subordinação do trabalho camponês ao capital. São Paulo: Hucitec, 1978.

SHANIN, Teodor. **A definição do Camponês**: conceituações e desconceituações, o Velho e o Novo em uma Discussão Marxista, Estudos CEBRAP, n° 26, editora Vozes, 1980.

THOMPSON, Eric P. **A formação da classe operária inglesa**: a árvore da liberdade. vol.- I. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Tradução: Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.

VERGÉS, Armando Bartra. **Os Novos Camponeses**: leitura a partir do México profundo. Tradução: Maria Angélica Pandolfi. São Paulo: Cultura Acadêmica; Cátedra Unesco de Educação do Campo e Desenvolvimento Rural, 2011.